

## *Introdução de Charles Hodge*

### **Corinto**

O Peloponeso grego está conectado ao continente por um istmo de 6 a 9,5 km de largura. Nesse istmo ficava a cidade de Corinto. Uma eminência rochosa, chamada Acrocorinto, sobe da planície quase perpendicularmente, a uma altura de 600 m acima do nível do mar, e é suficientemente larga no cume para uma cidade de tamanho considerável. Do topo dessa colina íngreme, enxerga-se ao leste a extensão do mar Egeu, com suas numerosas ilhas; ao oeste, em direção ao mar Jônico, uma perspectiva pouco menos convidativa se apresentava. Olhando em direção ao norte, a vista repousa sobre as montanhas da Ática, de um lado, e o nordeste da Grécia, do outro, sendo a Acrópole de Atenas claramente visível a uma distância de 70 km.

Até nos dias de Homero, Corinto era uma cidade importante. Sua posição a tornava, de um ponto de vista militar, a chave do Peloponeso; e seu comando de um porto em dois mares a fazia o centro do comércio entre a Ásia e a Europa. A supremacia desfrutada por um estado grego após o outro finalmente chegou a pertencer a Corinto. Tornou-se a principal cidade da Grécia, não apenas em autoridade, mas em riqueza, magnificência, literatura, as artes e luxo. Era característico do local que, ao passo que o templo de Minerva coroava a Acrópole de Atenas, o Acrocorinto era o local do templo de Vênus. De todas as cidades do mundo antigo, ela era a mais notória pela licenciosidade.

A cidade de Corinto foi totalmente destruída pelo cônsul romano Múmio em 120 a.C.; seus habitantes foram dispersos, e o conquistador levou consigo para Roma os espólios mais ricos que já agraciaram o triunfo

de um general romano. Por um século após esse evento, a cidade ficou em ruínas, servindo apenas como pedreira de onde os patrícios romanos juntavam mármore para seus palácios. Júlio César, reconhecendo a importância militar e comercial da posição, decidiu-se a reconstruí-la e enviou para lá uma colônia que consistia principalmente de homens libertos. Isso explica a predominância de nomes latinos entre os cristãos dessa cidade. Erasto, Febe e Sóstenes são nomes gregos; porém, Gaio, Quinto, Fortunato, Crispo, Justo e Acaico são de origem romana.

Essa colônia, no entanto, era pouco mais do que o núcleo da nova cidade. Os comerciantes iam para lá de toda a Grécia; os judeus também eram atraídos pelo comércio. Riqueza, arte, literatura e luxo reviveram. Os jogos ístmicos foram novamente celebrados sob a presidência da cidade. Ela se tornou a capital da Acaia, que, como província romana, incluía a maior parte da Grécia.

Sob os cuidados de Augusto, Corinto recuperou grande parte de seu antigo esplendor; e durante o século que quase se passara desde a sua restauração, antes de ser visitada pelo apóstolo Paulo, alcançou um nível preeminente que a tornou a glória da Grécia. Estava, nessa época, sob a regência do procônsul Gálio, irmão de Sêneca – um homem conhecido por integridade e mansidão. Sua recusa em aceitar as acusações frívolas trazidas pelos judeus contra Paulo (At 18.14-16) está de acordo com o caráter atribuído a ele por seus contemporâneos. Ele foi uma das vítimas da crueldade de Nero.

### **A obra de Paulo em Corinto**

Corinto não era apenas a capital política da Grécia. Era o centro de sua vida comercial e intelectual, o local de convergência para as pessoas, não apenas de cidades vizinhas, mas também de nações. Era uma fonte da qual emanavam influências de todos os tipos em todas as direções. Assim, foi especialmente importante para a difusão do evangelho. Paulo, portanto, partindo de Atenas, que ele havia visitado em sua segunda viagem missionária, foi sozinho para Corinto, onde logo se juntaram a ele Silas e Timóteo, que vieram da Macedônia (At 18.5). Um estranho nessa grande cidade, e sem meio de sustento, Paulo se associou a Áquila, um judeu que havia chegado recentemente da Itália por causa do decreto de

Cláudio que baniu os judeus de Roma. Enquanto Paulo estava morando na casa de Áquila e trabalhando com ele no seu comércio de fabricação de tendas, ele frequentava a sinagoga todos os sábados, tentando “convenc[er] judeus e gregos”.

Opondo-se eles [os judeus] e lançando maldições, Paulo sacudiu a roupa e lhes disse: “Caia sobre a cabeça de vocês o seu próprio sangue! Estou livre da minha responsabilidade. De agora em diante irei para os gentios”. Então Paulo saiu da sinagoga e foi para a casa de Tício Justo, que era temente a Deus e que morava ao lado da sinagoga. Crispo, chefe da sinagoga, creu no Senhor, ele e toda a sua casa; e dos coríntios que o ouviam, muitos criam e eram batizados. Certa noite o Senhor falou a Paulo em visão: “Não tenha medo, continue falando e não fique calado, pois estou com você, e ninguém vai lhe fazer mal ou feri-lo, porque tenho muita gente nesta cidade”. Assim, Paulo ficou ali durante um ano e meio, ensinando-lhes a palavra de Deus (At 18.6-11).

O sucesso de Paulo despertou a inimizade dos judeus, que decidiram denunciá-lo perante o governador romano. Contudo, assim que o governador descobriu a natureza da acusação, ele se recusou a ouvi-la e expulsou os acusadores do tribunal com evidente desagrado, o que incentivou os espectadores a espancarem os judeus. Assim, os oponentes do apóstolo foram derrotados ignominiosamente. Depois de permanecer por mais algum tempo em Corinto, Paulo navegou de Cencreia, o porto oriental da cidade, para Éfeso, juntamente com Áquila e Priscila. Deixando os amigos naquela cidade, ele navegou para Cesareia e dali subiu para Jerusalém. Após permanecer por pouco tempo na Cidade Santa, ele foi para Antioquia e de lá passou pela Frígia e Galácia para Éfeso novamente.

Pouco depois de Paulo ter deixado Éfeso da primeira vez, Apolo, um judeu alexandrino, tendo sido mais plenamente instruído na doutrina de Cristo por Áquila e Priscila, foi a Corinto e lá “refutava vigorosamente os judeus em debate público, provando pelas Escrituras que Jesus é o Cristo” (At 18.28). É inteiramente provável, considerando o comércio constante entre Corinto e Éfeso, que o apóstolo Paulo tenha tido frequentes oportunidades de ouvir sobre o estado da igreja de Corinto durante seus três anos de residência em Éfeso. Acredita-se geralmente que as informações que ele recebeu o levaram a escrever uma carta que não sobrevive mais, exortando-os que “não deve[sse]m associar-se com qualquer que... seja

imoral” (ver 1Co 5.9). Não satisfeito com esse esforço para corrigir um mal alarmante, ele mesmo parece ter feito uma breve visita a eles.

Não se encontra nenhum registro em Atos de que ele esteve em Corinto mais de uma vez antes da data desta carta; todavia, há várias passagens em sua segunda carta que dificilmente podem ser entendidas a não ser como indicando uma visita intermediária. Em 2Coríntios 12.14, ele diz: “Agora, estou pronto para visitá-los pela terceira vez”. Isso pode de fato significar que, pela terceira vez, ele se preparara para ir a Corinto; entretanto, o contexto não sugere isso, e isso realmente não significaria nada. O ponto que ele enfatizava não era quantas vezes ele pretendia visitá-los, mas quantas vezes ele realmente fez a viagem. Em 2Coríntios 13.1, ele diz: “Esta será minha terceira visita a vocês”, que é ainda mais explícito. Em 2Coríntios 2.1, ele diz: “Por isso resolvi não lhes fazer outra visita que causasse tristeza”. Isso supõe que ele já os tivesse feito uma visita triste – ou seja, uma em que ele foi obrigado a causar tristeza e também experimentá-la. Veja também 2Coríntios 12.21 e 13.2, onde ele parece aludir novamente a uma segunda visita.

Não obstante suas frequentes injunções, o estado das coisas em Corinto parecia estar piorando. Portanto, o apóstolo decidiu enviar Timóteo e Erasto para eles (1Co 4.17; At 19.22). Se Timóteo chegou a Corinto nessa altura é duvidoso; e a partir de 1Coríntios 16.10 parece que o próprio apóstolo temia que não fosse capaz de fazer tudo o que havia sido designado para ele na Macedônia e ainda assim ir a Corinto antes da chegada desta carta. Após a partida de Timóteo, Paulo recebeu tais notícias da casa de Cloe e de uma carta endereçada a ele pelos próprios coríntios (1Co 7.1) que ele decidiu imediatamente escrever para eles.

### **O estado da igreja em Corinto**

O estado da igreja em Corinto pode ser parcialmente inferido a partir do caráter e das circunstâncias das pessoas, mas com certeza apenas a partir do conteúdo desta carta e da seguinte. Conforme observado acima, a população da cidade era mais do que ordinariamente heterogênea. Os descendentes dos colonos enviados por Júlio César, os gregos que foram atraídos para a cidade principal de seu próprio país, e judeus e estrangeiros de todas as partes do Império Romano estavam aqui reunidos. O caráter

predominante do povo era sem dúvida grego. A maioria dos convertidos ao cristianismo provavelmente também eram gregos, como distinguidos dos judeus. Em todas as épocas, os gregos se distinguiram por sua predileção pela especulação, sua vaidade e amor ao prazer, e seu espírito partidário. É de se esperar que uma igreja composta por pessoas desse tipo, com uma grande infusão de convertidos judeus, educados em meio a um paganismo refinado, cercados por todos os incentivos à indulgência, ensinados a considerar o prazer, se não o bem principal, de qualquer forma um bem, assediados por todos os lados por filósofos e mestres falsos – é de se esperar que tal igreja apresentasse as mesmas características que são demonstradas tão claramente nesta epístola.

Vê-se o espírito partidário deles em 1 Coríntios 1.12: “Algum de vocês afirma: ‘Eu sou de Paulo’; ou ‘Eu sou de Apolo’; ou ‘Eu sou de Pedro’; ou ainda ‘Eu sou de Cristo’”. Já se gastaram muita engenhosidade e muito aprendizado em determinar a natureza dessas divisões partidárias. O que pode ser considerado como mais ou menos satisfatoriamente determinado é:

1. Havia fações na igreja em Corinto que se chamavam pelos nomes mencionados acima e, portanto, os próprios nomes dão uma ideia da natureza das partes. A ideia de que os nomes de Paulo, Apolo e Pedro são usados figuradamente, quando na realidade se pretendiam outros mestres, é tão antinatural e tem tão pouco para sustentá-la que agora é quase universalmente repudiada.

2. Há pouca dúvida de que aqueles que se autodenominavam pelo nome de Paulo, ou se fizeram seus partidários, eram principalmente os convertidos gentios – pessoas que foram criadas livres da escravidão da lei mosaica e livres da influência de ideias e costumes judaicos. Eles tendiam a levar ao extremo a liberdade do evangelho, a considerar como indiferentes coisas que em si mesmas eram pecaminosas e a tratar sem respeito os escrúpulos dos fracos.

3. A intimidade entre Paulo e Apolo, indicada nestas cartas, permite-nos inferir que não era por motivos doutrinários que os seguidores de Apolo diferiam dos de Paulo. É provável que aqueles que se opunham a Paulo por ele não pregar com “palavras de sabedoria humana” (1Co 1.17) tenham sido aqueles atraídos pela eloquência de Apolo.